

RESENHA

## ***Death and Character – Further Reflections on Hume*, de Annette Baier**

*Marcos Ribeiro Balieiro*<sup>1</sup>

Annette Baier é bastante conhecida por aqueles que se dedicam ao estudo da obra de David Hume. Publicou vários artigos comentando conceitos bastante importantes da obra do filósofo escocês e seu *A Progress of Sentiments – Reflections on Hume’s Treatise*, publicado em 1991, é uma referência inegável para os estudos humianos mais recentes. Apenas isso já bastaria para que seu *Death and Character – Further Reflections on Hume* (Harvard University Press, 2008) despertasse enorme interesse.

Podemos dizer, já de início, que esse interesse se mostra justificado ao fim da leitura. Isso não apenas porque Baier, ao longo de todo o livro, mostra uma capacidade muito aguçada de perceber problemas na obra de Hume que, apesar de bastante relevantes, têm sido comumente ignorados por outros comentadores. *Death and Character* é também uma boa leitura por empregar uma linguagem simples elegante, o que o torna acessível mesmo aos leitores menos familiarizados com a totalidade das obras humianas, sem que, para conseguir esse efeito, a autora tenha optado por realizar um tratamento superficial das questões que propõe.

Ainda que o estilo da autora se caracterize, entre outros aspectos, pela simplicidade, o livro é dividido em duas partes, cujos títulos são inspirados na distinção realizada por Hume na Seção I da *Investigação*

---

<sup>1</sup> Doutorando em filosofia pela USP. Membro da comissão editorial dos Cadernos de Ética e Filosofia Política. Bolsista do CNPq. E-mail: marcos.balieiro@uol.com.br

sobre o *Entendimento Humano* entre duas espécies de filosofia: “Easy and Obvious” e “More Difficult and Abstruse”. A primeira delas trata, principalmente, de questões relativas à *História da Inglaterra* a que Hume deveu boa parte de sua fama. É importante observarmos que essa é uma obra a que os comentadores da obra desse filósofo não costumam dar muita atenção, de modo que o esforço realizado por Baier no sentido de mostrar possíveis relações entre ela e os outros textos humianos já é, por si só, algo bastante louvável. Essa parte é composta por seis ensaios, em que a *História da Inglaterra* é usada para tratar de temas como o que Hume teria a dizer sobre a noção de caráter (e de que modo o desenvolvimento dessa noção no próprio texto da *História* deve ser comparado àquele que vemos no *Tratado da Natureza Humana*), sobre a identidade pessoal (mostrada de maneira radicalmente contrastante com o tratamento que Hume havia dado, também em sua obra de estréia, sobre essa mesma questão), sobre a hipocrisia religiosa e sobre os retratos que o filósofo pinta de Oliver Cromwell e de Cuthbert Tunstall. Estes dois últimos, além de jogar mais algumas luzes naquilo que poderíamos dizer que Hume considera ser o caráter, permitem que Baier discorde veementemente daqueles que, como Jennifer Herdt (para ficar em um exemplo relativamente recente), vêem no filósofo escocês um defensor da tese de que toda crença religiosa é mera hipocrisia. Certamente é verdade que, para Hume, não temos boas razões para sustentar qualquer crença religiosa e, mais do que isso, a religião instituída não apenas é, em geral, incapaz de engendrar ações corretas, mas é efetivamente prejudicial à sociedade. Entretanto, isso não implica, necessariamente, que não haja quem acredite sinceramente em proposições religiosas, e certamente Hume teria considerado ser esse o caso de Cromwell, por exemplo. E mesmo os casos em que os homens agem motivados pela hipocrisia religiosa não são considerados pelo filósofo como sendo necessariamente condenáveis, tanto porque a religião chegou a ser apresentada por ele como algo que deveria simplesmente se submeter ao estado e cumprir o papel designado por ele (por exemplo, em “Idea of a Perfect Commonwealth”) quanto porque, como Baier nos lembra constantemente, a sociedade europeia do século XVIII não era exatamente o lugar mais saudável para quem quer que, estando em

desacordo com a religião dominante, quisesse ser completamente honesto quanto a isso.

Essa primeira parte se encerra com uma discussão sobre as leituras de Hume em seu leito de morte. Nesse ensaio, Baier trata de explicar, afinal, qual seria o ensaio de Luciano que o filósofo estaria lendo em seus últimos dias. Como se sabe, em carta a William Strahan, Adam Smith afirmou que Hume estaria lendo os *Diálogos dos Mortos*, e mesmo feito uma brincadeira a respeito disso, enumerando desculpas que poderia oferecer a Caronte para que este não o levasse. Ocorre, porém, que as piadas de Hume não se parecem com nada que vemos nos textos que geralmente são elencados entre os *Diálogos dos Mortos*. Baier, então, além de mostrar que o diálogo lido por Hume deve ter sido na verdade o “Kataplous”, busca explicar por que Adam Smith teria oferecido uma informação diferente a Strahan. O resultado é uma tentativa de explicar de que maneira isso poderia afetar a figura que Hume fez no mundo e, no fim das contas, um belo fechamento às discussões sobre caráter que ocupam uma porção significativa da primeira parte.

Na segunda parte do livro, Baier se dedica a examinar algumas questões referentes à teoria do conhecimento humiana. Ainda que seu texto se mantenha fluido e seja escrito de maneira a facilitar a compreensão, fica clara a mudança para um território considerado mais “difícil e abstruso” da obra de Hume. A autora abstém-se de tomar parte no chamado “New Hume debate”, que, como se sabe, tem dominado as discussões mais recentes entre os estudiosos da obra do filósofo escocês. Como se sabe, esse debate diz respeito à maneira como os diferentes comentadores consideram a concepção de Hume sobre a existência do mundo exterior e sobre a relação de causa e efeito. Defensores do chamado “Novo Hume” consideram que, diferentemente do que dizem as leituras mais tradicionais, a teoria do conhecimento humiana afirmaria não apenas a existência inegável do mundo exterior, mas, também, uma forma de realismo causal. É praticamente desnecessário explicarmos, então, que os defensores do “Velho Hume” são aqueles que consideram Hume um cético quanto a esses pontos. De qualquer maneira, apesar de estar consciente desse debate, Baier deixa claro já no prefácio que não se envolverá com ele em *Death and Character*, por considerar ambos os

lados que se dedicam a essa discussão acreditam que a teoria de Hume sobre o conhecimento e sobre a causalidade é mais ou menos a mesma no *Tratado da Natureza Humana* e na *Investigação sobre o Entendimento Humano*. A autora, por sua vez, considera que há “mudanças significativas, ao menos em definições centrais”, e considera que Hume teria tido razões bastante compreensíveis para pedir a seus leitores que ignorassem o tratado.

Na verdade, é exatamente dessas mudanças que praticamente *toda* a segunda parte do livro trata. O ensaio 7, que inicia essa nova discussão, lida de maneira bastante habilidosa com o que a autora considera ser a maneira metafórica como Hume teria iniciado a construção de conceitos cruciais em sua obra, como os de impressão e vivacidade. No seguinte, de maneira bastante ousada, Baier procura mostrar que a teoria do conhecimento humiana poderia ter permitido uma solução mais eficiente para o problema da identidade pessoal do que aquela realmente proposta pelo filósofo. O nono ensaio é uma tentativa de mostrar que Hume teria, a partir do Apêndice do *Tratado*, passado a tomar consciência desse problema. Em seguida, Baier procura mostrar, em dois textos bastante sagazes, aquilo que considera mudanças importantes que a *Investigação sobre o Entendimento Humano* apresenta em relação ao *Tratado*. Uma delas é a abolição de qualquer referência a impressões nas definições de causa. Muitos comentadores têm considerado que essa não é uma alteração muito significativa, mas a autora vê aí um ponto bastante importante porque, entre outras coisas, já que não há, na obra de Hume, o estabelecimento claro de uma “impressão de uma impressão” ou de uma “impressão de uma ideia”, essa mudança permite que o filósofo possa considerar eventos ocorridos na mente como causas, algo que a teoria do conhecimento delineada no *Tratado* não permitia. A epistemologia da *Investigação sobre o Entendimento Humano*, porém, bem mais simples que do livro de estréia de Hume, impõe, também, algumas perdas, e Baier faz questão de apontá-las. Além disso, ela faz questão de deixar claro que vê certos ares dogmáticos nessa obra, os quais se evidenciam principalmente no encerramento, quando Hume propõe que queimemos os livros que não tratam de matemáticas ou de questões de fato, mas não oferece critérios para que determinemos o

que seria “experiência suficiente” para salvar da fogueira determinado livro.

Os ensaios 12 e 13, por sua vez, tratam de mudanças mais amplas que teriam ocorrido na filosofia humiana ao longo do tempo. No primeiro deles, Baier defende que Hume teria abandonado progressivamente o conceito de impressão, tão caro a todos aqueles que se dedicaram, até hoje, ao estudo da epistemologia humiana. O indício de que a autora parte para defender essa tese é o fato de, na *Investigação sobre os Princípios da Moral*, texto escrito possivelmente depois da *Dissertação sobre as Paixões* (publicada posteriormente), Hume empregar o termo “impressão” apenas três vezes e, em todas, ele poder ser compreendido em seu sentido mais usual. No outro, ela apresenta aquelas que considera as razões que Hume pode ter tido para pedir aos leitores que ignorassem o *Tratado da Natureza Humana*. Isso é feito não apenas mostrando aquilo que não se repete nas obras que teriam sido escritas com o objetivo de ser “versões corrigidas” dos três volumes do *Tratado*, mas também buscando mostrar em que medida essas alterações contribuem para a melhoria daquilo que poderíamos considerar, digamos, o “programa” humiano, lido por Baier sempre a partir da noção de um sujeito que só pode ser completamente considerado a partir do *todo* da obra de Hume, incluída, aí, a *História da Inglaterra*.

A conclusão, em que Baier nos apresenta uma leitura da autobiografia de Hume segundo a qual ela poderia ser lida como sendo semelhante a um *curriculum vitae*, é bastante interessante. Nesse último ensaio, a conclusão é que o filósofo, desde cedo ansioso por conquistar a fama literária, teria se apresentado, em seu último trabalho, de modo a ressaltar aquilo que seria interessante para a imagem que ele queria que o mundo tivesse dele. Desse modo, a última coisa que Hume escreveu, “quando ele já tinha um nome considerável, ainda tinha esse fim em vista”. Além de um posicionamento bem embasado sobre o estatuto da autobiografia de Hume, esse último ensaio faz algumas últimas elucidações sobre o que seria, para Baier, a filosofia humiana da pessoa. No fim das contas, fica bastante claro que esse é o fio condutor de todo o livro e que, a partir daí, a autora é capaz de promover uma integração bastante consistente entre as várias obras do filósofo escocês.

É chegada a hora de fazermos algumas observações gerais. Algo que salta aos olhos desde o primeiro ensaio é que o tom adotado por Baier em *Death and Character* é bastante pessoal. Análises precisas sobre Hume são acompanhadas o tempo todo por considerações da própria autora sobre os pontos que estão em questão e, mais do que isso, experiências de cunho pessoal são invocadas frequentemente com o objetivo de esclarecer certas teses. Isso, entretanto, não constitui qualquer demérito, já que, ao invés de atrapalhar a leitura rigorosa dos próprios textos humianos, esse recurso às experiências da própria autora é feito com o objetivo de auxiliar a compreensão e, ocasionalmente, apontar problemas que ela enxerga nos textos de Hume. Aqueles que tiverem tido contato com a obra de Baier apenas por meio de seu *A Progress of Sentiments* certamente notarão a diferença de estilo, mas não terão como negar que um aspecto em comum é a capacidade da autora de se manter entusiasmada com relação aos textos humianos mesmo quando vê neles problemas aparentemente insolúveis. Além disso, acreditamos que os leitores de *A Progress of Sentiments* quase certamente concordarão que *Death and Character*, ainda que apresente interpretações difíceis de digerir para boa parte dos estudiosos de Hume, é uma leitura consideravelmente mais agradável, chegando mesmo a transmitir, por vezes, a impressão de que a autora realmente trava com seus leitores uma boa conversa.

Dissemos que algumas das interpretações apresentadas por Baier podem ser difíceis de digerir. Precisamos, portanto, esclarecer que isso não se deve de modo algum ao fato de elas serem excessivamente soltas, muito menos ao fato de não serem bem fundamentadas. Baier se mostra completamente à vontade ao lidar com os vários aspectos da obra de Hume e, além disso, mostra não apenas uma erudição enorme como, também, uma capacidade considerável de se manter atualizada, debatendo tanto com comentadores consagrados quanto com aqueles mais recentes. Ao defender teses controversas, ela está sempre consciente de que o faz e parece bastante cuidadosa ao justificar quaisquer pontos que possam levantar grandes objeções.

Poderíamos, é claro, argumentar que talvez fosse o caso de ela ter procurado, na primeira parte, ir ainda além e verificar se é possível no

interior da obra de Hume, encontrar algo como uma *teoria* do caráter ou das paixões dominantes, já que esses temas são recorrentes na *História da Inglaterra* e um dos méritos de *Death and Character* é justamente a análise de como vários temas importantes da filosofia de Hume aparecem de maneira recorrente na monumental *História* escrita por ele. Entretanto, não é difícil perceber que Baier trata da questão do caráter de maneira tão completa quanto seria possível sem abrir mão do rigor. Ela provavelmente apresentou o modo como esse conceito aparece na obra de Hume de modo a integrá-lo, da melhor maneira possível, aos outros aspectos da filosofia humiana. Além disso, ter conseguido conferir à *História da Inglaterra* grande relevância filosófica, vendo-a como um texto essencial para a compreensão de qual seria a versão final da posição de Hume acerca do modo como podemos nos ver enquanto pessoas, certamente é uma leitura bastante original. O emprego bastante hábil e audacioso dessa chave de interpretação, aliado à maestria com que Baier explica, a partir dela, uma série de pontos importantes da evolução da filosofia de humiana, garante à autora um lugar entre os maiores estudiosos de Hume da atualidade. Ainda é cedo para avaliar o impacto efetivo que *Death and Character* terá sobre os estudiosos da obra do filósofo escocês, mas esse é, certamente, um livro que levanta questões que os eles não podem deixar de lado.